

MÁRIO FAUSTINO

O HOMEM E SUA HORA

e outros poemas

Pesquisa e organização
Maria Eugenia Boaventura



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright dos poemas © 2002 by Espólio Mário Faustino
Copyright da organização © 2002 by Maria Eugenia Boaventura

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Priscila Beltrane

Revisão
Adriana Moretto
Marcelo D. de Brito Riqueti
Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Faustino, Mário, 1930-1962.

O homem e sua hora e outros poemas. Mário Faustino ;
pesquisa e organização Maria Eugenia Boaventura. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1586-0

1. Faustino, Mário 1930-1962 — Crítica e interpretação
2. Poesia brasileira I. Boaventura, Maria Eugenia. II. Título.

09-11825

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

2009

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Um militante da poesia 11

Maria Eugenia Boaventura

A poesia de meu amigo Mário 38

Benedito Nunes

Nota da organização 57

O HOMEM E SUA HORA (1955) 59

Prefácio 61

I. DISJECTA MEMBRA 63

Mensagem 64

Brasão 65

Noturno 66

Vigília 67

Legenda 68

Romance 69

Vida toda linguagem 70

Estrela roxa 72

Alma que foste minha 74

Solilóquio 75

Mito 77

Sinto que o mês presente me assassina 79

Haceldama 80

II. SETE SONETOS DE AMOR E MORTE	83
O mundo que venci deu-me um amor	84
Nam Sibyllam...	85
Inferno, eterno inverno, quero dar	86
Agonistes	87
Onde paira a canção recomeçada	88
Ego de Mona Kateudo	89
Estava lá Aquiles, que abraçava	90

III. O HOMEM E SUA HORA 91

FRAGMENTOS DE UMA OBRA EM PROGRESSO

(1958-62) 99

“Cambiante floresta, rio, joias”	100
“o eixo: a envergadura: a tempestade: o todo —”	101
“Entorne-se o mel do tempo:”	102
“Espadarte em crista de vaga”	103
“Forma: pira distante.”	105
“Ao fundo a ilha, movediça e torta”	108
“Gaivota, vais e voltas”	110
“gestos de amor fizeram-se”	112
“— Inês, Inês, quem sobrevive, quem”	113
“Juventude —”	114
“O mar recebe o rio. O rio”	116
“meninada apostando corrida com chuva”	117
“Neste momento as sombras”	118
“Recesso de água entre rochedos turvos”	120
“Trabalha:”	121
“Traição, traição, onde encontrar azul”	123
“Trancadas portas, quietos lilases, dados lançados —”	124
“Túnel, pedra, tonel.”	125

Marginal poema 19 126
Marginal poema 15 130

ESPARSOS E INÉDITOS (1948-62) 133
“Amar é jogo difícil” 134
Balada 135
Balatetta 137
Breve elegia 139
“Deixo a quem quer que seja” 140
Divisamos assim o adolescente 141
“E nos irados olhos das bacantes” 142
Envoi 143
Fragmento de uma elegia 144
“Os grandes ventos passam” 145
“Inverno acarretado pelo vento” 146
Não quero amar o braço descarnado 147
Oferta 148
Poema em tom meditativo 149
“Quem vem lá? Vossas senhas à noite amargofria” 151
“Quando chegares ao aeroporto” 154
O servo novo ao som de cuja lira 155
“Sobre verdes pastagens, ao pé das águas claras” 156
Soneto 158
Soneto antigo 159
Soneto branco 160
“Um sopro resta. Precisas tentar ficar” 161
A reconstrução 162
“Três artesãs me olharam” 168
Trípode 170
Viagem 171
Vigília 172
Retorno 173
Fidel, Fidel 174
Moriturus salutat 176
Apelo de Teresópolis 178

Ariazul 180
Soneto 183
Cavossonante escudo nosso 184
Soneto marginal 186
22-10-1956 187
E sonhou a mulher que se cumprira 190
A mis soledades voy 191
O som desta paixão esgota a seiva 192
Sextilha 193
Carpe diem 195
No trem, pelo deserto 196
Rupestre africano 197
Elegia 198
Prelúdio 199
Solilóquio 200
Primeiro poema 201
Poema de amor 202
Autorretrato 203
Elegia 204
Ode 205
1ª motivo da rosa 206
2ª motivo da rosa 207
Aqui jaz 208
Autorretrato 209
Autorretrato 210
Poemas do anjo 212
Poema 213

História dos textos 214
Agradecimentos 223
Sobre o autor 225

UM MILITANTE DA POESIA

Maria Eugenia Boaventura

As intenções são puramente divulgatórias e pedagógicas: nada de exibicionismos de minha parte ou de quem quer que seja.

Carta, 12 out. 1956

Não se perdoam: as falsas glórias — amigavelmente fabricadas à meia-luz dos bares, ao perfume das feijoadas sabáticas, ou na partilha dos empregos públicos — constantes ameaças ao bom funcionamento da escala de valores. Exige-se a mínima decência.

Jornal do Brasil, 23 mar. 1958

MÁRIO JORNALISTA

Com a publicação da obra poética e crítica de Mário Faus-
tino, o leitor poderá dimensionar a bagagem intelectual desse
jornalista que nasceu em 1930 e morreu em 1962, vítima de
acidente aéreo.

Belém do Pará exerceu papel determinante na vida do
jovem Mário. Nessa cidade, realizou a maior parte dos estudos,
e antes de se lançar como poeta seguiu um roteiro parecido
com o de muitos escritores de renome. Estreou no jornalismo
n^o 1 *A Província do Pará*, levado por Carlos Castelo Branco, e lá
trabalhou de 1947 a 1949, traduzindo matérias internacionais e
como redator. Escreveu editoriais, artigos sobre cinema e exer-
ceu intensa atividade de cronista. Transferiu-se para a *Folha*
do Norte em 1949, permanecendo até 1956, com um intervalo
de dois anos de estudos nos Estados Unidos e uma temporada

na Europa. Da mesma forma, fez sucesso, tornou-se chefe de redação, editorialista e impulsionou o processo de modernização do jornal. Paralelamente à atividade jornalística, seguia o curso de Direito, que abandonou no terceiro ano por alegada falta de interesse.

Como poeta, Mário Faustino estreou na *Folha do Norte*,¹ apresentado por Francisco Paulo Mendes, professor de literatura e figura aglutinadora de talentos literários locais. Em torno do suplemento literário desse jornal, reunia-se a nova geração de escritores, resumida em alguns nomes: os dois críticos citados, o romancista Haroldo Maranhão, os poetas Max Martins e Rui Barata, além de Mário. O poeta norte-americano Robert Stock ampliou essa roda, quando residiu na região.² Abrigando a colaboração de vários nomes importantes, como Clarice Lispector, naquele tempo residente em Belém,³ o suplemento

¹ “O poeta e rosa”, 25 abr. 1948.

² Recentemente, na edição da poesia de Robert Stock foi incluído o longo poema “The Poet MF Descends into Hades and Rises to the Empyrean”, em homenagem ao poeta brasileiro. Cf. David Galler e Harriette Stock (eds.), *Selected Poems of Robert Stock*, Nova York, Crane & Hopper, 1994.

³ A lista de poetas, críticos, tradutores e ficcionistas era grande e de peso. Aleatoriamente, poderíamos citar alguns críticos: Mário Pedrosa, Antonio Candido, Lúcia Miguel Pereira, Wilson Martins, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet, João Gaspar Simões, Álvaro Lins, João Condé, Paulo Ronai, Moacir Werneck de Castro, Benedito Nunes, Eugenio Gomes, Tasso da Silveira, Ribeiro Couto, Ascendino Leite, Roger Bastide, Tristão de Atáide, Afonso Arinos, Adolfo Casais Monteiro, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, Brito Broca, Otávio Tarquínio de Sousa, Edgard Cavalheiro, Francisco Iglésias, Luís Martins, Murilo Miranda, Menotti del Picchia, Almeida Fisher; poetas e prosadores: Rubem Braga, Cecília Meireles, Marques Rebelo, Raquel de Queirós, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, João Cabral de Melo Neto, José Lins do Rego, Augusto Frederico Schmidt, Aurélio Buarque de Holanda, Ciro dos Anjos, Lêdo Ivo, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campo, Dalton Trevisan, Oto Lara Resende, Lúcio Cardoso, Fernando Loanda, Bueno de

animava a vida cultural e mantinha intensa conexão com intelectuais do eixo Rio-São Paulo.

A história intelectual de um escritor, ou mesmo de uma geração, deve muito à interferência de pessoas isoladas que, por deleite próprio, se rodeiam de um belo arsenal de livros, discos, filmes etc., tornando-se o centro de referência e de atração de valores jovens. Mário beneficiou-se desses acasos e, como será mostrado, mais tarde inverteu os papéis. Durante um período curto (1950-1951), embora muito proveitoso em termos de leitura e reflexões, o jornalista retornará a Teresina, sua cidade natal. A figura carismática do seu professor de literatura com sua admirável biblioteca é substituída por outras personalidades, por novos amigos. Foi assim que sobreviveu ao provincianismo e ao afastamento dos antigos companheiros belenenses. O conjunto de cartas enviadas para Benedito Nunes — autor do primeiro ensaio sobre *O homem e sua hora* —,⁴ revela como a formação do escritor teria continuidade no novo cenário:

[...] sabes que aqui tem gente culta, inteligente, moderna e de espírito à beça [...] tem um rapaz que escreve uns belos poemas, muito simples [...] traduz otimamente ingleses e americanos (inclusive Eliot e cummings) [...] queria que visses

Rivera, Vinicius de Moraes, Mário Quintana, Gilca Machado, Alphonsus de Guimarães, Miguel Torga, José Paulo Paes, José Régio, Flor Bela Espanca, Fernando Pessoa; tradutores: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira; escritores estrangeiros: Baudelaire, Lorca, Supervielle, Roger Callois, Rilke, Mistral, M. Jacob, Tolstói, Bragaglia, Kafka, Apollinaire, Aragon, Cocteau, Valéry, L. Hughes, Wilde, T. Mann, Maurois, Sartre, Dickens, Saint-Exupéry, Duhamel, Neruda, A. Reyes, Trakl, Hölderlin, Mistral, Éluard, Heredia, A. Machado, Malraux, Tchekov, Juana Inês de la Cruz, Camus, Stravinski, Konrad, Poe.

⁴ “Livro de ensaio”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 e 12 ago. 1956. Benedito editou boa parte da obra do amigo: *Poesia de Mário Faustino* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966) e *Poesia completa. Poesia traduzida*. (São Paulo, Max Limonad, 1985).

a biblioteca dele. Tem e lê o que há de mais moderno em criação e crítica. Uma discoteca melhor que a do Meira. [...].

A constante disponibilidade para recomeçar, sem levar em conta as dificuldades circunstanciais, e a vontade de ampliar o horizonte intelectual são a marca do percurso de Faustino. A solidão, que a sua pacata Teresina lhe proporcionava, ajudou-o a incrementar planos sistemáticos de estudos, adiados pela vida movimentada de outrora e pelo ritmo apressado do cotidiano da profissão.

Com uma bolsa do Institute of International Education, vive nos Estados Unidos de 1951 a 1953. Volta aos bancos escolares, na Califórnia, para um período de estudos de Teoria da Literatura e Literaturas Norte-Americanas, que seria o alicerce da futura carreira de crítico, desenvolvida no *Jornal do Brasil* (*JB*), e uma oportunidade para aprimorar a atividade de poeta. “Em todos os meus cursos [...] o trabalho é duro. Há semanas em que sou obrigado a ler dois, três livros inteiros, fora a consulta a inúmeras obras. Somente aos domingos é que posso passear — e que passeios” (carta de 17 out. 1951). É o momento de planejar *O homem e sua hora*, livro de poemas cuja publicação em 1955, por uma editora de prestígio, lhe abriria as portas para novos empreendimentos.⁵

A mudança definitiva para o Rio de Janeiro foi precedida por cursos de atualização na Fundação Getúlio Vargas, onde seria contratado como professor um ano mais tarde, em 1956.

O Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* (SDJB), manifestação da vida cultural brasileira ainda pouco avaliada, surge

⁵ Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1955. Mário Chamie escreveu, de imediato, uma resenha sobre o livro para a revista paulista *Diálogo*, nº 3, 1955, pp. 121-3.

a partir de um programa de mesmo nome na Rádio Jornal do Brasil, a cargo do seu diretor, o poeta Reynaldo Jardim. Conta Reynaldo que, apesar da resistência do principal executivo do jornal, Nascimento Brito, em 1956 o programa transforma-se no Suplemento, com o apoio da proprietária, a condessa Pereira Carneiro (Maurina Dunshee de Abranches), sua defensora intransigente. Antes, a matéria do jornal, disposta numa diagramação pesada, provinha principalmente das agências de notícias, e a primeira página era dominada pelos classificados. O Suplemento aparecia aos domingos e a ousadia gráfica do Reynaldo, explorando os espaços em branco, além de causar espanto, consumia muito papel, logo no dia de maior tiragem. Por isso, passou a circular aos sábados, conservando o nome que lhe deu fama: Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*. O seu editor, com vontade de fazer um jornalismo moderno e criativo, cercou-se de jovens bem informados. A arregimentação desses profissionais, o aperfeiçoamento gráfico e a mudança no conteúdo permitiram ao caderno ganhar a confiança dos principais intelectuais do país, seduzir leitores e tornar-se ponto de referência para a vida cultural brasileira. Assim, com cada vez mais sucesso, o Suplemento resistiu à campanha contrária de escritores descontentes e apreensivos com a possibilidade de resenhas nada benevolentes de suas obras, particularmente aquelas assinadas por Mário Faustino. Além disso, o sucesso impulsionou tempos depois a mudança editorial e a reforma gráfica de todo o jornal, inclusive a criação do Caderno B, inspiração dos atuais cadernos culturais.

Começou a colaborar no Suplemento depois de ter sido apresentado ao autor de *Joana em flor* pelos irmãos Barreto Borges: Dídimo, José Geraldo e Luís Carlos, companheiros de juventude do poeta. O primeiro, próspero comerciante no Rio de Janeiro, era procurador de Mário Faustino; o segundo, jornalista e advogado, já falecido, criou a Página de Prosa no Suplemento, em que traduziu e comentou vá-

rios textos fundamentais da moderna ficção internacional.⁶ E o último é hoje um importante produtor de cinema.

Um animado, irreverente e apaixonado palco de debates, inteiramente dedicado à poesia, armou-se no SDJB, de 23 de setembro de 1956 a 11 de janeiro de 1959. Poesia-Experiência, página organizada pelo poeta, pretendia tirar da letargia a poesia, a crítica e o jornalismo literário brasileiros. Página essa que ofereceu a principal matéria para organizar a obra poética e crítica do escritor.

No final de 1959, decepcionado com os rumos que o suplemento tomava, Mário Faustino muda radicalmente de rota: passa a desempenhar as funções de redator e editorialista do mesmo jornal, formando dupla com Hermano Alves, ambos responsáveis pelas mais liberais proclamações da imprensa conservadora do Rio, no entender do amigo Paulo Francis. Abandona a militância literária, mas não desiste da poesia. Trabalha no projeto de um poema longo, à maneira do *Patterson* de William Carlos Williams e dos *Cantos* de Pound, cujos fragmentos envia para os colegas. Com a interrupção da página no jornal, várias propostas de trabalho surgiram, deixando o escritor indeciso sobre qual lhe concederia tempo necessário para ser poeta:

Estou vou não vou para N.Y. [...] Estou muito indeciso, pois há ótimas oportunidades por aqui. Não indo eu poderia

⁶ Os textos traduzidos e comentados por José Geraldo Barreto Borges no SDJB foram: H. James: *A arte da ficção*; Tchecov: trechos das *Memórias de um idealista*, *A carteira*, *Regras para uso dos escritores novos*, *Tristeza*; William Carlos Williams: *Prosa de ficção*; H. Melville: *O tocador de Rabeca*; Roland Barthes: *O grau zero da escrita*; F. Kafka: *Diário*; A. Camus: *O estrangeiro*; W. Faulkner: “O romance como forma”, *Outono no Delta*, “Samuel Becket e a equação proustiana”, “Do lobo da estepe”; T. S. Eliot: “Ulisses, ordem e mito”; “James Joyce — Mito e existência no *Retrato do artista*”; “A esperança e o absurdo na obra de Kafka”; J. P. Sartre: *Náusea nas mãos*, *A descoberta das coisas*.

organizar de vez a minha vida. Como burguês não devo ir. Indo é a eterna insegurança, a eterna aventura, mas é um banho de cultura. (Carta de out. 1959)

Numa época agitada internacionalmente devido ao acirramento da Guerra Fria, o combatente crítico literário de antes está nos bastidores da história mundial, arquitetada pelas potências — em Nova York, trabalha na ONU, como funcionário do Departamento de Informação, torcendo pela paz e em êxtase com a Revolução Cubana e seu líder. Esse encantamento inspira-lhe o discutível poema “Fidel, Fidel”.

De volta ao Brasil, em 1962, foi nomeado por um curto período editor-chefe da *Tribuna da Imprensa*, comprada pelo JB, e contratou uma equipe de jovens profissionais de primeira linha (Millôr Fernandes, Paulo Francis, entre outros). Artigos corajosos de denúncia sobre a corrupção dentro da imprensa foram o pretexto para o fechamento da *Tribuna*. O JB o nomeia correspondente internacional em Nova York, sonho antigo e irrealizado de escrever livremente sobre assuntos de seu interesse e ter tempo para fazer o que mais gostava: poesia.

O CRÍTICO-POETA

Acirrada pelas propostas desenvolvimentistas do governo Juscelino Kubitschek, uma onda nacionalista marcou a segunda metade dos anos 1950 no Brasil. A ideia de consciência nacional voltou a presidir quase todas as manifestações da vida político-intelectual. Coincidem com a efervescência política acontecimentos de vulto no âmbito da cultura: Bienal de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, revistas e suplementos literários. Naquele contexto de engajamento, floresce o pensamento crítico de Mário Faustino, que opta por um outro tipo de militância.

Até os anos 1960, os cadernos culturais foram palcos privilegiados das discussões mais importantes sobre literatura,